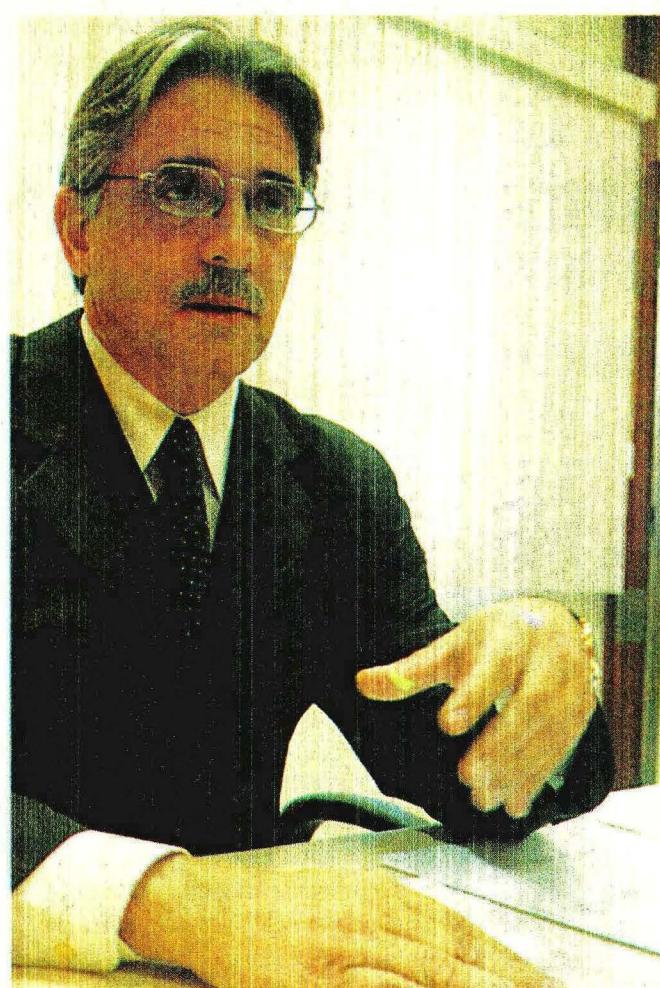


Equipamentos de última geração, ao custo de R\$ 65 milhões, estão pouco utilizados. Somente 1.500 pacientes foram atendidos em oito meses

DF - Saíde

Recursos para atender rede pública estão no fim

FUNCIONANDO DESDE NOVEMBRO DO ANO PASSADO, HOSPITAL DE EXCELÊNCIA NÃO RECEBEU AUTORIZAÇÃO PARA RECEBER PACIENTES DO SUS E ESTÁ ATENDENDO COM VERBA PRÓPRIA, QUE ESTÃO ACABANDO



Bruna Guimarães

O hospital tem cerca de 17 mil metros quadrados. Possui um prédio próprio de três andares instalado no complexo do Hospital das Forças Armadas (HFA) com tecnologia, espaço e bem-estar para os pacientes e ainda dois andares no edifício principal do HFA. Os aparelhos são de primeiríssima geração como o tomógrafo multislice, que, além de tornar os exames mais rápidos e precisos, produz imagens que facilitam o diagnóstico médico. A recepção é ampla com cadeiras acolchoadas. Os corredores largos e bem iluminados garantem a mobilidade entre os andares. São 14 consultórios só no primeiro pavimento. No total, são 99 leitos, três salas de hemodinâmica, quatro de cirurgia cardíaca, unidade de dor torácica com dez leitos, UTI com 31 leitos, internação e um setor de imagens e ressonância magnética. As mesas de cirurgia possuem câmeras instaladas para que os procedimentos médicos possam ser acompanhados à distância. No terceiro andar um anfiteatro

com 89 lugares foi construído com o objetivo de ser usado para a capacitação de alunos, funcionários e especialistas diferencia a Instituição das demais unidades de saúde do mundo. Assim é o Incor-DF, a primeira e única filial no País do Instituto do Coração de São Paulo – um dos cinco maiores hospitais de cardiologia para doentes graves no mundo.

Mas, apesar de toda essa estrutura, que combina alta tecnologia com profissionais de excelência, o Instituto está funcionando desde a abertura, em novembro do ano passado, com menos de 20% da capacidade. Para se ter uma idéia, o hospital, que tem potencial para fazer 2.500 cirurgias por ano, só realizou 14 até hoje e, enquanto poderia oferecer mais de 100 mil consultas todos os anos, só atendeu 1.500 pacientes nos últimos oito meses. Não porque faltem pessoas necessitando dos tratamentos que ali podem ser oferecidos, mas por uma questão burocrática. O Instituto, que tem como objetivo principal atender a comunidade carente, espera há mais de um ano o aval do Ministério da

Saúde para que possa atender pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Sem esse credenciamento, a população mais pobre não é alcançada pelos benefícios do Incor-DF. "Como o Incor é um hospital filantrópico, o plano era que mais de 60% dos atendimentos fossem para a rede pública", explica o superintendente da Instituição, Milton Pacífico. De acordo com ele, o prédio do Incor já foi vistoriado pela Secretaria de Saúde e os documentos necessários para a autorização do convênio com o SUS já foram enviados para o Ministério da Saúde.

"Fizemos a nossa parte. É um desperdício que um hospital com essa estrutura esteja deixando de atender centenas de pacientes diariamente", completa.

Os corredores vazios, leitos, salas de cirurgia e exames desocupados contrastam com os demais hospitais públicos do DF, que, na maioria das vezes, mandam pacientes para casa por falta de leitos. "Em vez desta fila de camas vazias, poderíamos ter uma fila de pacientes", diz o superintendente do Incor.

Sem o convênio com o SUS, o

atendimento gratuito no Incor-DF está sendo realizado em parceria com a rede pública do GDF. O hospital ainda está sendo mantido com o restante dos recursos do projeto de implantação. Mas, de acordo com Pacífico, esses recursos já estão acabando. "Sem o credenciamento pelo SUS, só teremos condições de atender os pacientes da rede pública por mais 60 dias", afirma.

A assessoria do Ministério da Saúde confirma que o credenciamento já está sob análise, mas ainda não há previsão de quando o aval de funcionamento será dado. Segundo a assessoria, a demora se dá, porque, no momento, o Ministério está negociando o reajuste dos preços da tabela do Sistema Único de Saúde. Após o lançamento da nova tabela, para o qual ainda não há data prevista, o governo terá o conhecimento dos impactos financeiros que tal credenciamento daria para os cofres públicos. Só então será possível saber se o Incor-DF poderá atender pelo SUS.

Enquanto isso, o coração do brasiliense vai ter que esperar mais um pouco.